

RESENHA DE OBJETOS DE DESEJO, DE ADRIAN FORTY

Rui Sérgio Dias Alão

Arquiteto pela FAU USP, especialista e mestre em Design pela UAM e doutor na área de Design e Arquitetura na FAU USP. Professor de graduação e pós graduação do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo e na Escola Panamericana de Arte

O livro de Adrian Forty tenta mapear a relação entre o design dos objetos e a sociedade que o criou. Este objetivo faz com que o autor trace relações entre os objetos de design e os mais variados elementos: a disponibilidade de materiais, a divisão social do trabalho, as ideias de uma sociedade em uma certa época, as relações econômicas condicionantes etc.

Neste processo, desmistifica conceitos que foram fundantes para diferentes estilos de design como meros resultados de seu tempo, como o de forma ideal, por exemplo. Em outro trecho, o autor desmonta o chamado mito da máquina e a produção industrial que, segundo William Morris, eram responsáveis por objetos grosseiros, e pelo desaparecimento das qualidades dos objetos feitos de forma artesanal. Forty argumenta que essa noção era muito mais um produto de uma visão de mundo do que de uma observação sobre a realidade objetiva. Na estamparia têxtil, por exemplo, a complexidade de uma estampa e suas demais características eram produto das necessidades de mercado e não de imposições do método de estampagem industrial.

Da mesma forma, as serras a vapor proporcionaram a produção de folhas de madeira muito finas, dando origem aos móveis folheados, que tinham um tipo de madeira na estrutura e outro no revestimento. Mas mesmo neste caso, argumenta o autor que a tecnologia da mecanização das serras a vapor só deu vazão a interesses capitalistas, não sendo a vilã do processo. Forty documenta como os objetos traduzem marcações sociais e, ao mesmo tempo, as modificam. Mostra exemplos de tipos de canivete, modelos masculinos de cor escura, grandes e grosseiros, e femininos, de madrepérola, delicados e ricamente decorados, trazendo para os objetos as qualidades associadas aos gêneros. O mesmo ocorre com móveis, decorados e de materiais nobres para os padrões e simples e construídos com matéria-prima abundante para os criados. Da mesma forma, quando uma pessoa ascendia socialmente, uma das primeiras providências era a de se munir de objetos que refletissem seu novo status social. Assim, temos que existe uma via de mão dupla entre design e status social. Um provoca modificação no outro e vice-versa.

Em um dado momento, Forty refuta a crença do século XIX de que as máquinas causaram a degradação do design. Ele argumenta que a "especialização no trabalho de design" já estava estabelecida "muito antes do desenvolvimento da produção mecanizada." As máquinas, por si só, não tinham uma influência independente sobre o design; a verdadeira causa estava nas "características particulares que a relação entre trabalho e capital assume nas respectivas indústrias."

O livro também discute as modificações no ambiente doméstico, com o passar do tempo. Se no século XIX o lar era um ambiente aconchegante, refúgio da vida emocional e contemplativa, depois do Taylorismo passa a ser fruto de um arranjo voltado para a praticidade e produtividade. Aparecem os eletrodomésticos voltados para a praticidade e economia de tempo nas tarefas domésticas. O design desses objetos tende a ser limpo, funcional e tecnológico. Os ornamentos, antes presentes no mobiliário, somem para dar lugar a móveis produzidos em série, modernos e práticos.

Assim, em várias situações, o texto de Forty trata sempre de desmistificar essas associações fáceis e simples sobre as soluções de design, revelando que quase sempre se trata de processos muito mais complexos que envolvem várias facetas de uma época. A pressão do mercado por produtos baratos com aparência de caros, o trabalho organizado, a criação de um mercado para novos objetos, a divisão do trabalho e assim por diante.

É claro que o raciocínio de Forty não para no tempo. Podemos hoje nos perguntar, quando temos muitos objetos de design que são produtos intangíveis, resultado das tecnologias digitais e de redes, onde podemos colocar os motivos que levam um certo design a existir? O que faz, por exemplo, que as redes sociais sejam o que são? Ou, quais interesses estão por trás destas configurações digitais nos LLMs da inteligência artificial? Fica o convite para a leitura deste livro que é um marco na literatura do campo do design.